



A TRADUÇÃO DOS “OLHOS” EM CLARICE LISPECTOR: UMA INVESTIGAÇÃO BASEADA EM CORPUS

LIMA, Thereza Cristina de Souza

(UNINTER/ PUC-PR)¹

CAMARGO, Diva Cardoso de

(UNIOESTE/Cascavel, UNESP/S. J. Rio Preto)²

RESUMO: Esta investigação tem como objetivo observar a tradução do vocábulo “olhos” e dos seus colocados, em fragmentos (re)aproveitados e semelhantes extraídos de duas obras de Clarice Lispector *A Descoberta do Mundo*, traduzida por Giovanni Pontiero como *Discovering the World* e *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, traduzida por Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris como *An Apprenticeship or The Book of Delights*. Outro objetivo é identificar aspectos de normalização encontrados nas respectivas traduções desses fragmentos. A metodologia situa-se no campo dos Estudos da Tradução baseados em *corpus*, (proposta de Baker, 1993, 1995, 1996, 1999, 2004; estudos sobre normalização de Scott, 1998); pesquisas e projeto de Camargo 2003a, 2003b, 2004, 2008), e no da Linguística de Corpus (estudos de Berber Sardinha, 2004); também se apoia na fortuna crítica da autora (trabalhos de Gotlib, 1993, 2009; Nunes, B., 1995; Sant’Anna, 1997; Ruggero 2000; Sá, O., 2000; Franco Júnior, 2000; Ranzolin (1985), Varin, 2002; e Cherem, 2003). Os resultados encontrados nesta pesquisa possibilitaram efetuar um estudo comparativo entre os tradutores em pauta concernente à tendências para normalização e apontam para uma menor tendência por parte de Pontiero em relação à equipe de tradutores formada por Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da Tradução baseados em corpus. Linguística de Corpus. Olhos. Normalização. Clarice Lispector.

ABSTRACT: This investigation has as an objective to observe the translation of the word “eyes” and its collocates, in similar and (re)used fragments extracted from two books written by Clarice Lispector, *A Descoberta do Mundo*, translated by Giovanni Pontiero as *Discovering the World* and *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, translated by Richard A. Mazzara and Lorri A. Parris as *An Apprenticeship or The Book of Delights*. Another objective is to identify aspects of normalization found in the respective translations of these fragments. The methodology is situated in the field of Corpus-based Translation Studies, (proposed by Baker, 1993, 1995, 1996, 1999, 2004; studies on normalization by de Scott, 1998); research and project by Camargo 2003a, 2003b, 2004, 2008), and in Corpus Linguistics (studies by Berber Sardinha, 2004); also, it is based on the author’s critical heritage (studies by Gotlib, 1993, 2009; Nunes, B., 1995; Sant’Anna, 1997; Ruggero 2000; Sá, O., 2000; Franco Júnior, 2000; Ranzolin (1985), Varin, 2002; e Cherem, 2003). The results found in this research enabled to carry out a comparative

study among the respective translators concerning tendencies to normalization and show Pontiero's smaller tendency in relation to the couple of translators Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris.

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector é considerada uma escritora hermética, introspectiva, cuja temática existencialista aborda a questão do ser no mundo, em uma espécie de busca pela essência da vida onde há plena consciência da morte. Na visão da pesquisadora Cherem (2002, orelha da obra *Línguas de Fogo*), a Autora teve, como fio condutor do seu mundo e talvez até mesmo de toda a sua vida, a paixão pela literatura.

Entre as inúmeras definições de literatura, Eagleton cita o linguista russo Jakobson, segundo o qual literatura é um tipo de escrita que representa uma "violência organizada cometida contra a fala comum"³ (JAKOBSON, 1962, apud EAGLETON, 1998, p. 2). A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, desviando-a sistematicamente da fala diária.

A referida definição de literatura tem certa ligação com o ponto de vista de Clarice que "admite sua 'impotência' ao tratar de modo literário da coisa social" (VARIN, 2002, p. 22). Os problemas sociais foram temas de várias de suas crônicas e o romance *A Hora da Estrela*⁴ calou os que a julgavam incapaz de abordar, por meio da ficção, as mazelas de nossa sociedade. Assim como a narradora de *Água Viva*⁵, Clarice toma conta, com seus olhos, de milhares de favelados habitantes dos barracos pendurados nos flancos dos morros do Rio de Janeiro. "Mãe do povo brasileiro"⁶, ela se expressa em estilo jornalístico sobre o problema da desnutrição: "a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma" (*DM*, "Daqui a Vinte e Cinco Anos", p. 33). Clarice recusava-se a encarar a literatura de fora para dentro, como uma "abstração". Detestava os debates intelectuais sobre literatura e toda crítica formalista, puramente estruturalista e linguística. Considerava um luxo escrever no Brasil e relacionava "o nosso clima tórrido a nossa paixão pela crônica de jornal" (VARIN, 2002, p. 26), uma vez que, talvez nosso extremo calor tropical nos ajude a perceber, tanto a atração de Clarice pelas entrelinhas, quanto seu amor pelas palavras.

Clarice dá à palavra um sentido diverso do que ela tem habitualmente, conseguindo com isso marcar os momentos importantes para a ação e criar um clima

de mistério, solidão, inexorabilidade, angústia, medo, força etc. Nas palavras de Antonio Candido ao referir-se à escrita de Clarice: “os vocábulos são obrigados a perder o seu sentido corrente para se amoldarem às necessidades de uma expressão muito sutil e muito tensa, de tal modo que a língua adquire o mesmo caráter dramático que o trecho” (CANDIDO, 1970, p. 129).

Quanto à repetição, está presente em várias partes do texto da autora, constituindo um processo consciente e enriquecedor do seu estilo.

Para o crítico Benedito Nunes, a repetição “tanto aumenta a teia de significações, como pode também, em movimento inverso, reduzi-la. Onde se esgota a repetição, começa o silêncio” (NUNES, 1995, p. 137). Para Clarice, tanto o silêncio em si quanto a explicitação do vocábulo silêncio são de primordial importância dentro da sua obra. Ambos, a repetição e o silêncio relacionam-se à procura de um efeito de desgaste da palavra e da frase.

Na visão de Olga de Sá (2000, p. 151), a escritora não tem medo da repetição. Assume-a, realmente como uma técnica e um gosto pessoal. Na obra *Legião Estrangeira*⁷, Clarice afirma: “a repetição me é agradável, e repetição acontecendo no mesmo lugar termina cavando, pouco a pouco, cantilena enjoada, diz alguma coisa” (LISPECTOR, 1964, p. 175). Sá acredita que essa “cantilena do significante” gera, no texto, o desgaste da palavra, ou seja, o silêncio como possibilidade de alcançar o indizível (Idem).

O estilo simples e repetitivo da Autora cria uma imagem de simplicidade, vulnerabilidade e naturalidade em que parece haver uma união entre literatura e vida. Em Clarice, não se lê o que está nas linhas do texto, mas sim aquilo que se esconde entre elas. Consciente de sua técnica de comunicar-se pelas entrelinhas, Clarice escreveu em um de seus contos publicado na obra *Legião Estrangeira* e também publicou como crônica na *DM* (p. 385):

“O mundo se me olha. Tudo olha para tudo, tudo vive tudo.” (LISPECTOR, 1973, p. 66).

No conto “Os desastres de Sofia”, a personagem narradora fixa os olhos do professor temido: “olhos nus que tinham muitos cílios” (LISPECTOR, 1964, p. 21) e que a paralisam de terror: “Eu vi dentro de um olho. O que era incompreensível como um olho. Um olho aberto com sua gelatina móvel, com suas lágrimas orgânicas” (Idem).

No romance *A maçã no escuro*, em contato com a terra, na fazenda: “os olhos de Martim, tornados ignorantes pela longa noite, olharam então com estranheza para o terreno baldio [...] Martim viu uma terra suja e seca [...] Martim viu o que viu.

Como se os olhos não fossem feitos para concluir, mas apenas para olhar” (LISPECTOR, 1961, p. 62).

Em uma breve análise da fortuna crítica de Clarice, observamos que Ranzolin (1985) faz importantes constatações em sua dissertação de mestrado: a primeira refere-se à ausência, na *DM*, de um número significativo de crônicas, aproximadamente 120 módulos, cujos textos são tão reveladores do perfil literário da escritora quanto aqueles que foram publicados na antologia e que, lamentavelmente, permanecem dispersos na precariedade das folhas do *Jornal do Brasil*. Tratando-se de uma publicação póstuma, a justificativa de Paulo Gurgel Valente, filho de Clarice Lispector, quanto à seleção das crônicas publicadas na referida antologia, obedece a seu critério pessoal – “sendo subtraídas apenas as anotações que nos parecem muito circunstanciais” (cf. nota inicial em *A Descoberta do Mundo*, de Paulo Gurgel Valente, 1984), o que demonstra certo desinteresse de sua parte pelas consequências estético-literárias dos textos discriminados. Convém observar ainda que, segundo Ranzolin (UFSC, 1985), a maioria dos textos omitidos da *DM* têm um caráter referencial, haja vista versarem sobre artistas, autores, obras, cartas recebidas e entrevistas; os outros desenvolvem a temática da literatura, da escrita e de questões existenciais, o que, de certo modo, compromete o critério da circunstancialidade de Valente.

A segunda constatação refere-se ao (re)aproveitamento que Clarice faz de partes de seu livro *ALP*, em partes das crônicas, ou seja, em fragmentos da *DM*. Ou, à maneira inversa, o (re)aproveitamento que faz das crônicas no referido livro, visto não termos conseguido determinar com segurança qual o primeiro trabalho desenvolvido pela Autora. Entretanto, Gotlib (1993, p. 316) acredita que Lispector selecionou, de seus contos e romances, muitos dos textos que publicou no *Jornal do Brasil*; também utilizou textos anteriormente escritos e os “colou” na *ALP*, como por exemplo, “O silêncio da Suíça e o inverno em Paris” e “Uma prece” (Ibidem, p. 308).

Passamos a chamar esses (re)aproveitamentos de fragmentos por apresentarem reduções e ampliações de parágrafos, obedecendo ao fluxo irregular do discurso. Obviamente, isso acarreta mudanças nas respectivas traduções.

A coletânea de crônicas, *A Descoberta do Mundo*, *DM*, traduzida para o inglês britânico por Giovanni Pontiero como *Discovering the World*, *DW*; o romance, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, *ALP*, traduzido para o inglês americano por Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris como *An Apprenticeship or The Book of Delights*, *ABD*, bem como fragmentos semelhantes, repetidos e (re)aproveitados existentes nessas duas obras compõem os corpora de nossa investigação e possibilitam-nos um estudo comparativo entre os referidos tradutores, sobretudo por conterem uma quantidade considerável desses fragmentos textuais semelhantes e (re)aproveitados.

Em vários deles, tanto no TF1 quanto no TF2, a autora faz alusão aos “olhos”. Selecionamos um exemplo em que o tema é felicidade e encontra-se à página 35 na *DM* (“Medo do Desconhecido”) e à página 73 na *ALP*: “Então isso era felicidade. [...] de início se sentiu vazia. Depois **os olhos ficaram úmidos**: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo me transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos”.

No romance *ALP*, quando Lori e Ulisses finalmente entregam-se um ao outro, a Autora relata:

Ele a beijou demoradamente até que ambos puderam se descolar um do outro, e ficaram se **olhando** sem pudor um nos **olhos** do outro. Ambos sabiam que já tinham ido longe demais. E ainda sentiam perigo de entregarem-se tão totalmente. Continuaram em silêncio. Foi então deitados no chão que se amaram tão profundamente que tiveram medo da própria grandeza deles (*ALP*, p. 146).

Segundo o dicionário de símbolos (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993), na visão dos bambaras⁸, durante o ato sexual a mulher se une ao homem pelos olhos e pelo sexo: a visão é o desejo, o olho é a coíça e, enfim, o mundo do homem é o seu olho. Por isso, metaforicamente, o olho pode abranger noções de beleza, luz, mundo, universo, amor, silêncio, morte e vida.

Desta feita, tanto nas crônicas que compõem o TF1, quanto no romance que compõe o TF2, Clarice usa de linguagem simples, empregando vocábulos co-ocorrentes e significativos, que consideramos representativos dentro da grandeza das obras claricianas aqui investigadas, razão pela qual, com base na fortuna crítica da autora, selecionamos para análise o vocábulo “olhos”, sua respectiva tradução para a língua inglesa “*eyes*”, bem como seus colocados.

TRADUÇÃO E LINGÜÍSTICA DE CORPUS

O termo latim “corpus” significa “corpo, conjunto de documento sobre determinado assunto” (dicionário *Larousse*, 1999, p. 270). Segundo Berber Sardinha (2004, p. 3), estudos baseados em corpus existem desde a Antiguidade. Na Grécia Antiga, Alexandre o Grande definiu o Corpus Helenístico. Na Idade Média, produziam-se corpora de citações da Bíblia.

De acordo com Berber Sardinha (Idem), durante o século xx houve muitos educadores como Thorndike (1921) e linguistas como Fries (1952) que se dedicaram à descrição da linguagem por meio de corpora. A ênfase, porém, era para o ensino

de línguas. Atualmente, a linguística de corpus enfoca, principalmente, a descrição de linguagem e não tanto pedagogia.

Nos anos sessenta, a criação do primeiro corpus linguístico eletrônico, o Brown University Standard Corpus of Present-day American English possibilitou não apenas maior capacidade de armazenamento como também o acesso de mais pesquisadores ao processamento de linguagem natural.

A necessidade de corpus para o estudo da língua e da tradução parece, de maneira geral, partir da variação intra-interlingüística. Como enfatiza Marcuschi:

A língua, sabidamente, não é um conjunto de rotinas e sim um contínuo muito diversificado e complexo de atividades sócio-interativas pelas quais os indivíduos em condições específicas produzem sentidos públicos partilháveis. Portanto, inerente a todas as línguas humanas, a variação é incontornável e torna condição necessária a utilização de corpora lingüísticos por parte de quem se dedica ao estudo de atividades lingüísticas situadas (MARCUSCHI, 2001, apud CAMARGO, 2003, p. 77).

O valor de um corpus como um lugar de referência tende a crescer cada vez mais nos próximos anos, uma vez que "mais e mais pessoas [...] estão começando a perceber que um corpus, como uma amostra da língua viva, acessada por computadores sofisticados, abre novos horizontes"⁹ (SINCLAIR, 1991, p. 14).

Em virtude da existência de estudos baseados em corpus manual, como, por exemplo, os estudos de Thorndike (1921) e de estudos baseados em corpora eletrônicos como os de Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2000), há diferentes conceituações do termo "corpus". Cabe aqui apresentarmos algumas definições, a fim de estabelecer qual delas dará sustentação a nossa forma de investigação.

Sinclair apresenta duas definições de corpus que se tornaram bastante conhecidas:

- Uma coletânea de textos naturais, escolhidos para caracterizar um estado ou variedade de linguagem¹⁰ (SINCLAIR, 1991, p. 171);

- Uma coletânea de porções de linguagem que são selecionadas e organizadas de acordo com critérios lingüísticos explícitos a fim de serem usadas como uma amostra de linguagem. (SINCLAIR, 1996, p. 4 apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 17).

Devido à definição de Sanchez, a seguir, incorporar as características principais para a compilação de corpus eletrônico, Berber Sardinha considera-a uma das mais completas:

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extenso em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHEZ, 1996, p. 8-9, apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 18).

Outra definição de corpus voltada para o exame por meio de ferramentas computacionais é a de Baker (1995 p. 225). Por envolver a observação de *textos traduzidos*, é a que adotamos para a nossa pesquisa:

Corpus, agora significa fundamentalmente uma coletânea de textos que permitam leitura em formato eletrônico e que possibilitem análises processadas automaticamente em diversos modos; um corpus [...] inclui tanto textos falados como escritos e um corpus pode incluir um grande número de textos provenientes de várias fontes, produzidos por muitos escritores e falantes e sobre uma variedade de tópicos [...] reunidos por uma finalidade específica e de acordo com critérios explícitos quanto ao seu desenho [...] representativo de uma dada área¹¹ (BAKER, 1995, p. 225).

De acordo com Baker (1995, p. 231), os corpora utilizados para pesquisa em tradução podem ser: 1) Paralelos: consistem de textos originais numa LF e as respectivas traduções numa LM; 2) Multilíngues: compreendem conjuntos de dois ou mais corpora monolíngues em diferentes línguas que permitem estudar os itens e os traços lingüísticos no ambiente da língua tal como produzida originalmente; 3) Comparáveis: consistem de dois conjuntos de textos em uma mesma língua, um composto de textos originais e outro de textos traduzidos para língua em questão, a partir de uma única fonte ou de diversas fontes.

Baker (1995, p. 231) afirma que as contribuições mais importantes do corpus paralelo para a disciplina estudos da tradução são: o apoio à mudança de ênfase da prescrição para a descrição; a possibilidade de estabelecer-se, objetivamente, como os tradutores superam, na prática, as dificuldades existentes no ato tradutório; o possível uso dessa evidência no fornecimento de modelos reais para futuros tradutores; e, sobretudo, para a pesquisadora este tipo de corpus desempenha um papel crucial na exploração de normas de tradução em contextos socioculturais e históricos.

Empregaremos em nossa investigação três corpora paralelos, por serem os mais indicados para a nossa pesquisa.

Nos últimos anos, a emergência de um enfoque descritivo nos estudos da

tradução impulsionou pesquisas sobre a natureza da tradução como um fenômeno *sui generis*. É inegável a relevância e a influência de Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2000) nessa área, com a proposta de utilizar princípios, técnicas e ferramentas da linguística de corpus para entender o que realmente acontece no processo de tradução, ou seja, ao invés de criticar e avaliar traduções, o pesquisador busca a identificação de regularidades no texto traduzido que forneçam evidências de características recorrentes da tradução.

Na visão de Laviosa,

Estudos da Tradução baseados em corpus representam uma área de pesquisa que está atraindo um número crescente de pesquisadores entusiastas que acreditam firmemente no potencial dessa área para informar projetos bem elaborados realizados no mundo todo e para reconciliar a pluralidade de necessidades e interesses dentro da disciplina¹² (LAVIOSA, 2002, p. 33).

O arcabouço teórico-metodológico principal da nossa investigação baseia-se na proposta de Baker para o estudo de padrões apresentados pelo texto traduzido. Por sua vez, ao recorrermos também à linguística de corpus, não estamos apenas usando sua metodologia como instrumental, mas, na presente pesquisa, vamos além, pois valemo-nos de um conjunto de pressupostos de caráter teórico para descrever o comportamento dos vocábulos recorrentes e dos colocados a eles associados com maior frequência, presentes em nas obras em pauta e nas respectivas traduções.

Na visão de Baker (1999, p. 287), os estudos da tradução baseados em corpus tornaram-se um novo paradigma na área, atraindo, por isso, a atenção de teóricos de valor, estejam eles envolvidos em pesquisas baseadas em corpus ou não. Esse novo paradigma possibilita, “a identificação de tipos de comportamento linguístico que são específicos de textos traduzidos [...] os quais são gerados pelo processo de mediação durante a tradução”¹³ (BAKER, 1996, p. 178).

De acordo com a teórica, há quatro características que não são resultado da interferência de sistemas linguísticos específicos, e ocorrem tipicamente em textos traduzidos, mas não em textos originais. Essas categorias correspondem a traços de explicitação, simplificação, estabilização, e normalização ou conservacionismo:

a) Explicitação: Tendência do tradutor em tornar a linguagem mais explícita, mais clara ~~para o leitor~~ do texto traduzido. Essa característica mostra-se coerente com o fato de os textos traduzidos serem, em média, 10% mais longos que os textos originais. A explicitação pode ser expressa sintática e lexicalmente, por exemplo, quanto ao uso freqüente nos textos traduzidos de conjunções e locuções explicativas, como “isto é”, “ou seja”, dentre outras.

b) Simplificação: Tendência do tradutor em simplificar a linguagem usada na tradução, ~~ou seja, tornar~~ a leitura mais fácil (não necessariamente mais explícita) para o leitor. O uso de vocabulário menos variado pode ser um traço de textos traduzidos e também de textos direcionados para falantes não nativos de uma língua, a fim de torná-los mais fáceis de serem processados pelo leitor. Além disso, a simplificação envolveria a substituição de ambigüidades existentes nos TFs, de modo a torná-los mais precisos nos TMs.

c) Estabilização: Tendência em encontrar um equilíbrio, não empregando de modo ~~exagerado, características~~ características da linguagem do texto original nem características da linguagem do texto traduzido. Nesse sentido, a tradução, independentemente das línguas de origem e de chegada, localizar-se-ia no centro de um contínuo, evitando-se os extremos. Manifestações podem ser encontradas, por exemplo, na tendência de os tradutores empregarem a norma culta para marcas da linguagem oral utilizadas pelo autor ao caracterizar determinados personagens.

d) Normalização ou Conservacionismo: “Tendência em exagerar características ~~da LM, adaptando-as a seus~~ padrões típicos”¹⁴ (BAKER, 1996, p. 183). Comenta Berber Sardinha que na normalização há uma minimização dos aspectos criativos ou menos comuns da LF. O exame de escolhas lexicais na LF e a comparação com opções dos tradutores na LM podem revelar aspectos de normalização, se indicarem, por exemplo, que as escolhas mais criativas no texto original foram traduzidas por outras menos marcadas no texto traduzido (Berber Sardinha, 2004, p. 18).

A normalização poderia ser observada em investigações envolvendo corpus paralelo quando as traduções apresentarem uma frequência menor de características criativas ou não usuais nos TMs do que se esperaria encontrar em relação à criatividade lexical presente nos TFs. A normalização lexical, ou seja, a normalização ao nível de palavras individuais ou de colocações¹⁵ tem sido analisada por vários pesquisadores. O fenômeno da colocação foi introduzido por Firth e explicado por sua famosa frase: “uma palavra deve ser julgada por sua companhia”¹⁶ (FIRTH 1957, apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 41).

Entre os pesquisadores que estudaram a normalização lexical, destacamos Vanderauwera (1985) que observou traduções de obras da ficção holandesa para a língua inglesa e pôde constatar que os tradutores demonstram certa “reserva ao traduzir imagens incomuns [...] e opções de palavras pouco usuais no texto de chegada”¹⁷ (VANDERAUWERA, 1985, p. 108).

No entanto, aspectos de normalização não existem apenas em nível lexical. Baker (1996, p. 183) supõe que essa tendência seja possivelmente influenciada pelo

status da LF e da LM, dado que, quanto mais alto for o status da LF, menor seria a tendência à normalização. Na visão da teórica, os aspectos de normalização são mais evidentes no uso de estruturas típicas gramaticais, na pontuação e nos padrões de colocação. Em outras palavras, expressões típicas da LF são substituídas por expressões mais frequentes e mais regulares na LM, como aconteceu com as traduções analisadas por Vanderauwera do holandês para o inglês.

Outra pesquisadora foi a brasileira Maria Nélia Scott em tese apresentada à Universidade de Liverpool (1998), que analisou a tradução literária, mais especificamente aspectos de normalização no romance *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, traduzido por Pontiero. Baseando-se nos estudos de Baker (1992, 1993), Scott utiliza o termo normalização para referir-se “a opções feitas pelo tradutor, algumas vezes consciente, outras inconscientemente, ao traduzir características textuais idiossincráticas, de tal modo que elas se adaptem à forma e à norma da língua e cultura de chegada”¹⁸ (SCOTT, 1998, p. 112). Sugere Scott (1998, p. 3) que vários aspectos de normalização podem ocorrer no nível da microestrutura e afetar a macroestrutura do romance. A sua opção pela referida pesquisa foi ocasionada pela impressão de que a obra clariciana em questão, traduzida para o inglês, era de mais fácil compreensão que a obra original, considerada por Scott como “fragmentada, incompleta, vaga e ambígua”¹⁹ (Ibidem, p. 265).

Com base em Scott (1998), selecionamos três itens para exame, em relação à normalização. São eles: 1) pontuação; 2) repetição; 3) mudanças em estruturas complexas. Seguem, abaixo, alguns exemplos de mudanças em pontuação, repetição bem como estruturas complexas existentes na LF em relação às traduções na LM:

1. Pontuação

Um exemplo na mudança de pontuação pode ser observado no exemplo abaixo de fragmentos semelhantes e (re)aproveitados que compõem o corpus 3:

FF1 - Sai-se do estado de graça com o rosto liso, os **olhos** abertos e pensativos e, embora não se tenha sorrído, é como se o corpo todo viesse de um sorriso suave.

FM1 - *One emerges from a state of grace with clear skin and open, thoughtful eyes. And, even without a trace of happiness, it is as if one's whole body were bathed in a gentle smile.*

FF2 - Lóri saiu do estado de graça com o rosto liso, os **olhos** abertos e pensativos

e, embora não tivesse sorriso, era como se o corpo todo acabasse de sair de um sorriso suave.

FM2- *Lori came out of the state of grace with her face rested, her eyes open and thoughtful. And although she had not smiled, it was as if her entire body had just smiled gently all over.*

As linhas de concordância, acima, ilustram as opções de Pontiero no subcorpus 3.3 – FM1 e as opções de Mazzara e Parris no subcorpus 3.4 – FM2, de substituírem pelo ponto a vírgula empregada por Lispector nos respectivos subcorpora 3.1 – FF1 e 3.2 – FF2. Com base em Malmkjær (1997, apud Scott, 1998, p. 148), supomos que houve uma alteração referente a uma pontuação mais fraca para uma pontuação mais forte, o que facilitaria a compreensão de ambos os fragmento na LM.

2. Repetição

Em um exemplo de repetição, a Autora relaciona o “amor” aos “olhos”, à “morte” e à “vida”:

FF1- Depois os **olhos** ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou **mortal**, como o **amor** pelo mundo me transcende. O **amor** pela **vida mortal** a assassinava docemente, aos poucos.

FM1- *Then my eyes filled with tears: tears of happiness, but because I am mortal, my love for this world transcends me. My love for this mortal life gently killed it off little by little.*

FF2- Depois seus **olhos** ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou **mortal**, como o **amor** pelo mundo me transcende. O **amor** pela **vida mortal** a assassinava docemente, aos poucos.

FM2- *Then her eyes started to tear: it was happiness. “But how mortal I am. How earthly love penetrates me.” Love for mortal life was gradually, softly killing her.*

Observamos, no exemplo acima, que Pontiero optou pela expressão “*filled with tears*” e que o substantivo “tears” é imediatamente repetido em substituição ao adjetivo “úmidos” empregado pela Autora. Já em relação às expressões “amor pelo

mundo” e “amor pela vida mortal”, notamos que Pontiero as traduz mais literalmente. Por outro lado, no FM2 Mazzara e Parris optam pelo uso do advérbio “*earthly*” referente à “*earthly love*” / “amor pelo mundo”, assim como, pela inversão dos advérbios “*gradually*” e “*softly*” / “docemente” e “aos poucos”. Acreditamos que tais opções criariam certa ênfase nos fragmentos de FM1 e FM2, o que poderia constituir uma característica de normalização de Pontiero, assim como de Mazzara e Parris, objetivando facilitar a compreensão dos fragmentos na LM.

3. Mudanças em estruturas complexas

A ordem das palavras nas frases contribui expressivamente para a compreensão do leitor, uma vez que, “a ordem dos elementos em uma estrutura pode ser modificada para ajudar a carga de memória e facilitar o processamento”²⁰ (QUIRK et al, 1985, apud SCOTT, 1998, p. 150). Por exemplo:

FF1- Abaixa a cabeça dentro do **brilho do mar**, e retira uma cabeleira que sai escorrendo toda sobre os **olhos salgados** que ardem.

FM1- *She lowers her head into the **gleaming waters** and re-emerges, her hair dripping **salt-water** which causes her **eyes to smart**.*

FF2- Abaixa a cabeça dentro do **brilho do mar**, e retira uma cabeleira que sai escorrendo toda sobre os **olhos salgados** que ardem.

FM2- *She lowers her head into the **sparkling sea** and pulls back a lock of hair dripping water over her **eyes**, which are burning from the **salt**.*

Observamos, no exemplo acima, que a opção de Mazzara e Parris no FM2 apresenta alguns acréscimos; porém, parece-nos de mais fácil compreensão para o leitor na LM que a opção de Pontiero no FM1, que qualifica a água com o uso do adjetivo composto “*salt-water*”. Outrossim, notamos que ambos, o tradutor individual e a equipe de tradutores optam por distanciar e desfazer a hipálage²¹ empregada por Clarice relativa à sequência “brilho do mar” e “olhos salgados”. Tais opções ocasionam certas alterações na estrutura complexa empregada por Clarice, e poderiam caracterizar aspectos de normalização. Contudo, a opção de Mazzara e Parris mostra uma estratégia mais facilitadora para a compreensão do leitor na LM, comparada com a decisão de Pontiero.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Desde a publicação do seu primeiro livro, o romance *Perto do Coração Selvagem* em 1944, Clarice Lispector atraiu a atenção dos críticos literários pelo seu estilo peculiar. A sua contínua busca pelo sentido da vida, bem como a tentativa de penetrar no mistério que cerca o homem e de recriar o mundo partindo de suas próprias emoções ocasionaram um choque nos meios literários da época.

No fim dos anos 60, quando da publicação do romance *ALP*, Clarice já se encontrava definitivamente consagrada. Tornara-se leitura imprescindível em vários cursos universitários; porém, ainda assim, o referido romance agitou as críticas dos anos 70 por ser uma obra polêmica que começava inusitadamente por uma vírgula, terminava com dois pontos, e ousava desnudar, de maneira radical, a intimidade profunda da mulher à procura da decifração do próprio enigma. Nessa mesma época, mais precisamente a 19 de agosto de 1967, Clarice publicava suas primeiras crônicas no *Jornal do Brasil*.

Em relação aos resultados da presente investigação, por meio da análise com base na fortuna crítica da autora, pudemos observar que o vocábulo selecionado “olhos/eyes” pode ser considerado fundante e significativo de Lispector. Também, por meio da análise segundo os Estudos da Tradução baseados em corpus, em relação ao comportamento tradutório do tradutor individual Pontiero e das equipes de tradutores, os resultados apontam para algum uso de características de normalização por parte de todos os profissionais em pauta. Ainda em relação à normalização, em uma comparação entre o tradutor individual Pontiero e as duas equipes de tradutores, os resultados gerais apontam para uma menor tendência para normalização por parte de Pontiero em FM1 – *DW* em relação à equipe de tradutores em pauta.

NOTAS

- ¹ Doutora (2011) e Mestre (2005) em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Especialista (1999) em Língua Inglesa também pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Faz parte dos seguintes grupos de pesquisa: projeto PETra II Padrões de Estilo de Tradutores, coordenado pela Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo e Linguística de Corpus como auxílio ao Ensino de Língua Inglesa e de Tradução, coordenado pela Dra. Paula Pinto Tavares Paiva.
- ² Doutora em Tradução pela Universidade de São Paulo (1993), Pós-doutora em Estudos da Tradução por The University of Manchester (2003), Livre-Docência em Estudos da Tradução pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Atualmente é Professor Adjunto-MS5, Aposentada da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, câmpus de São José do Rio Preto, onde atua como Professor Voluntário e faz parte do corpo de Docentes permanentes dos Programas de Pós-Graduação em Letras e Estudos Linguísticos.

É Professor Sênior junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste, câmpus de Cascavel - PR.

- ³ [...] *organized violence committed on ordinary speech.*
- ⁴ Romance de Clarice Lispector publicado em 1977, ano do falecimento da Autora.
- ⁵ Obra de ficção de Clarice Lispector publicada em 1973.
- ⁶ Expressão usada pelo escritor Otto Lara Rezende ao referir-se à Lispector, em artigo publicado no jornal *O Globo*, em 10 de dezembro de 1977.
- ⁷ Obra de Clarice Lispector, composta de contos, publicada em 1964.
- ⁸ Encontra-se no dicionário Larousse (1999, p. 122) que os bambaras eram as pessoas nascidas na Nigéria ou no Congo, as quais se comunicavam por meio da língua bambara.
- ⁹ *More and more people [...] are coming to realize that a corpus, as a sample of the living language, accessed by sophisticated computers, opens new horizons.*
- ¹⁰ *A corpus is a collection of naturally occurring language text, chosen to characterize a state or variety of a language [tradução de Berber Sardinha]*
- ¹¹ *Corpus now means primarily a collection of texts held in machine-readable form and capable of being analysed automatically in a variety of ways; a corpus [...] includes spoken as well as written text, and a corpus may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics [...] put together for a particular purpose and according to explicit design criteria [...] representative of the given area.*
- ¹² *Corpus-based Translation Studies represent an area of research that is attracting a growing number of enthusiastic scholars who genuinely believe in its potential for informing well thought-out projects throughout the world and for reconciling the plurality of needs and interests within the discipline.*
- ¹³ *To identify types of linguistic behaviour which are specific to translated text, [...] which are generated by the process of mediation during translation.*
- ¹⁴ [...] tendency to exaggerate features of the target language and to conform to its typical patterns.
- ¹⁵ “Colocação tem sido o nome dado à relação que um item lexical tem com itens que aparecem com probabilidade significativa no seu contexto (textual)” (PARTINGTON, 1998, p. 16-7, apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 41)
- ¹⁶ [...] you shall judge by the company it keeps.
- ¹⁷ [...] *reserve in rendering unusual [...] imagery and word choice in the target text.*
- ¹⁸ [...] the translators sometimes conscious some times unconscious, rendering of idiosyncratic text features in such a way as to make them conform to the form and norm of the target language and culture.
- ¹⁹ [...] *fragmented, incomplete, vague an ambiguous.*
- ²⁰ The order of the elements in a structure can be changed to aid memory load and easy processing.
- ²¹ Figura de estilo semântico que consiste na atribuição a um nome de uma qualidade que logicamente pertence a outro nome na mesma frase.

REFERÊNCIAS

BAKER, M. *In other Words: A Coursebook on Translation*. London & New York: Routledge, 1992.

_____. Corpus linguistics and translation studies – Implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.) *Text and technology*: in honour of John Sinclair. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, p.233-250.

_____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*. 7:2, 1995, p.223-243.

_____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering*, in honour of Juan C. Sager. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996, p.175-186.

_____. Lingüística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos Estudos da Tradução? In: MARTINS, M. A. P. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p.15-34.

_____. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*. 12:2, 2000, p.241-266.

_____. Corpus-based translation research on legal, technical and corporate texts. In: KLAYDY, K. *Across languages and cultures: a multidisciplinary journal of translation and interpreting studies*. 2:1. Budapest: Akadémiai Kiadó, 2001, p. 113-125.

_____. A corpus-based view of similarity and difference in translation. In ARDUINI, S. & HODGSON, R. (eds.) *Translating similarity and difference*. Manchester: St. Jerome, (no prelo).

BERBER SARDINHA, T. *Lingüística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole Ltda. 2004.

CAMARGO, D. C. de. *Contribuição para uma tipologia da tradução: as modalidades tradutórias no texto literário*. 231 f. (Doutorado em Tradução) – FFLCH/USP, São Paulo. 1993.

_____. *Análise de um corpus paralelo de textos ficcionais brasileiros e dos respectivos textos traduzidos para o inglês: uma investigação sobre o estilo do tradutor literário Gregory Rabassa*. 01/nov./2002 a 28/mar./2003. 70 f. Pesquisa realizada para estágio pós-doutoral em Tradução e Lingüística de Corpus, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada a Estudos da Linguagem - LAEL, PUC-SP, São Paulo, 2003a.

_____. *Análise de um corpus paralelo de textos ficcionais brasileiros e dos respectivos textos traduzidos para o inglês: uma investigação sobre o estilo do tradutor literário Giovanni Pontiero*. 01/abr. a 31/ago./2003. 81 f. Pesquisa realizada para estágio pós-doutoral em Estudos da Tradução baseados corpus, junto ao Centre for Translation and Intercultural Studies - CTIS, The University of Manchester, Inglaterra. Bolsa de Pesquisa no Exterior PQ-EX da FAPESP, processo no. 02/00692-5. 2003b.

_____. *Padrões de Estilo de Tradutores - PE Tra: Investigação em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 25/fev./2004. 30 f. Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para aprovação do Plano Trienal para o triênio 2004-2006, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP/SJRP, 2004.

CANDIDO, A. No raio de Clarice Lispector. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p.125-131.

CHEVALIER, J. & GREERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos* (Coord. Carlos Sussekind). Trad. Vera da Costa e Silva. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CHEREM, L. *Um Olhar Estrangeiro Sobre a Obra de Clarice Lispector: Leitura e Recepção da Autora na França e no Canadá (Quebec)*, 2003, 197f. (Doutorado em Letras) Universidade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

EAGLETON, T. *Literary Theory An Introduction*. 2. ed. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1998.

FRANCO JUNIOR, A. *Mau gosto e Kitsch em Clarice Lispector e Dalton Trevisan*. 2000. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GOTLIB, N. *Clarice Lispector: A vida que se conta*. 1993. (Texto apresentado ao concurso para Livre-Docência em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo.

_____. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LAVIOSA, S. *Corpus-based Translations Studies: Theory, Findings, Applications*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

LISPECTOR, C. *A Legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

_____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973.

_____. *A hora da estrela*. 22. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

_____. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, ([1984], 1987, 1999)

_____. *Discovering the World*. Tradução de Giovanni Pontiero, Manchester: Carcanet Press, 1992.

_____. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Editora José Olimpio, 1969.

_____. *An Apprenticeship or The Book of Delights*. Tadução de Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris, Austin: University of Texas Press, 1986.

NUNES, B. *O Drama da Linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector*. 2.ed. São Paulo: Ática,

1995.

RANZOLIN, C. R. *Clarice Lispector Cronista: No Jornal do Brasil (1967-1973)*. Santa Catarina, 1985, 430f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RUGGERO, N. *O Olhar feminino nas crônicas de Maria Judite e Clarice Lispector*. São Paulo: 2000, 142f. Dissertação (Mestrado em Estudo Comparados em Literatura de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo.

SÁ, J. *A Crônica*. Série Princípios. 5ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1997.

SÁ, O. *A Escritura de Clarice Lispector*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SACCONI, L. A. *Nossa Gramática*. 10. ed. São Paulo: Atual editora. 1989.

SANT'ANNA, A.F.R. *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. 4ª. Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

SCOTT, M. N. *Normalisation and Reader's Expectation: A Study of Literary Translation with Reference to Lispector's A Hora da Estrela*. Liverpool: 1998, 318f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de Liverpool. Liverpool.

SINCLAIR, J. *Corpus, Concordance, Collocation*. Hong Kong: Oxford University Press, 1991.

_____. *Lexicographer's needs*. Pisa Workshop on text corpora. 1992.

THORNDIKE, E. L. *Teacher's Workbook*. Nova York: Columbia Teachers College, 1921.

VANDERAUWERA, R. *Dutch novels translated into English*. Amsterdam: Rodopi, 1985.

VARIN, C. *Línguas de fogo. Ensaio sobre Clarice Lispector*. 1. ed. Tradução de Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2002.